

A Cultura Portuguesa no Divã

coordenação **Isabel Capelo Gil
Adriana Martins**



Universidade Católica Editora

Catálogo recomendada

A CULTURA PORTUGUESA NO DIVÃ

A cultura portuguesa no divã / coord. de Isabel Capelo Gil, Adriana Martins. – Lisboa : Universidade Católica Editora, 236 p. ; 24 cm
(Estudos de comunicação e cultura. Cultura e conflito)

ISBN 978-972-54-0294-8

I – GIL, Isabel Capelo, coord. II – MARTINS, Adriana, coord. III – Col.

CDU 159.964.2:008(469)

© Universidade Católica Editora | Lisboa 2011

Edição: Universidade Católica Editora, Unipessoal

Capa: OMLET design

Composição gráfica: Empresa do Diário do Minho, Lda.

Revisão Editorial: Helena Romão

Data: Abril 2011

Depósito Legal: 326986/11

ISBN: 978-972-54-0294-8

Universidade Católica Editora

Palma de Cima – 1649-023 Lisboa

tel. (351) 217 214 020 | fax (351) 217 214 029

uce@uceditora.ucp.pt | www.uceditora.ucp.pt

Egas Moniz e a Psicanálise

CARLOS MORUJÃO*

I. Os primeiros contactos de Egas Moniz com a obra de Freud

Não sabemos ao certo quando terá Egas Moniz contactado, pela primeira vez, com as obras de Freud, pois o documento mais antigo que conhecemos, a Lição Inaugural do Curso de Neurologia, de 1915, publicado na revista *A Medicina Contemporânea*, não menciona qualquer data. Podemos supor, no entanto, que em 1915 tal contacto se teria estabelecido já há alguns anos. Este texto é muito interessante, por diversas razões que exporemos mais à frente, mas, antes de mais, pelo facto de alertar contra o perigo de uma utilização da psicanálise fora das fronteiras médicas, onde ela se subtrairia, fatalmente, à verificação da crítica científica. Provavelmente, Egas Moniz teria apenas em mente a utilização de conhecimentos de psicanálise por parte de quem não possuísse uma formação em medicina, pois o seu interesse pelas aplicações da psicanálise fora do tratamento de patologias do foro psíquico, por exemplo, no estudo das obras literárias, foi grande. Ele próprio foi tentado a fazê-lo, pelo menos em duas ocasiões: a primeira, de proporções e ambições relativamente modestas, é um pequeno artigo escrito em 1922 sobre "A necrofilia de Camilo", como contribuição para o *In Memoriam* de Camilo Castelo Branco; a segunda, com outro desenvolvimento e outras ambições, é *Júlio Denis e a sua Obra*, cuja 1.^a edição foi publicada em 1924. Nestes dois casos, não se trata, porém, de uma interpretação psicanalítica pura de um autor, mas sim de estudos em que, por diversos momentos, a psicanálise é convocada para o esclarecimento de aspectos particulares da vida do biografado, da sua criação literária, ou da relação entre as duas. Egas Moniz, no entanto, encontrava-se na situação peculiar de não ter recebido qualquer formação analítica e o seu conhecimento

* Universidade Católica Portuguesa / CEFi

de Freud e da psicanálise resultava exclusivamente da leitura, quer das obras do próprio Freud e de alguns dos seus seguidores, quer de algumas revistas especializadas, como a norte-americana *Psychoanalytic Review*, que cita ocasionalmente.

Naquela Lição de 1915, Egas Moniz dá provas de um conhecimento muito razoável das ideias de Freud, mostrando, ainda, conhecer algumas polémicas e divergências no interior do movimento psicanalítico, bem como a posição de Freud relativamente a elas. Julgamos que algumas das polémicas a que se refere são as que opuseram Freud a Jung e seus seguidores; uma vez que elas começaram a adquirir expressão pública por volta de 1913, podemos considerar que a informação científica de Egas Moniz era, pelo menos quanto a este assunto, razoavelmente actualizada. Parece, contudo, desconhecer (pelo menos no texto publicado) aspectos essenciais da teoria e da prática analíticas – o significado da transferência e dos seus mecanismos, por exemplo –, como o demonstra a forma como ele próprio descreve o tratamento psicanalítico, cujo objectivo, diz-nos, seria “mostrar aos doentes as suas tendências inconscientes, (...) drená-las num sentido favorável, de maneira a transformar as representações desagradáveis em outras indiferentes ou mesmo agradáveis.” (Egas Moniz, 1915: 57) Em todo o caso, tivemos apenas acesso à primeira de cremos que três lições (julgamos até que a única a ser publicada) nas quais, no referido curso de 1915, Egas Moniz exporia as teorias de Freud. A certa altura, nesta lição inaugural (Egas Moniz, 1915: 61), afirma que reservará para as lições seguintes uma abordagem dos métodos de penetrar na memória inconsciente do adulto. Podemos supor que os mecanismos da resistência e da transferência fossem aí objecto de análise, tanto mais que alguns escritos técnicos de Freud sobre este assunto tinham já começado a ser publicados.

Egas Moniz chama ainda a atenção para o facto de a noção de sexualidade, em Freud, ter tomado uma latitude maior e uma significação inteiramente diferente da habitual, o que, como afirma, nem sempre fora reconhecido pelos críticos da psicanálise. A sua caracterização da libido, porém, não nos parece totalmente rigorosa. Pensamos até que, por vezes, a sua exposição das teorias de Freud sobre o assunto poderia ajustar-se melhor às de Jung do que às de Freud, sobretudo quando chama à libido uma *energia afectiva cinética* (Egas Moniz, 1915: 60) – expressão que voltará ainda a utilizar, anos mais tarde, no Prólogo à 7.ª edição de *A Vida Sexual* (Egas Moniz, 1929: XXVIII) –,

e afirma, sem qualquer crítica, que alguns seguidores da psicanálise – que não chega a mencionar – a comparam “ao impulso vital dos metafísicos”.

Seria preciso um conhecimento exacto do ambiente científico que caracterizava as nossas Faculdades de Medicina no início do século XX para perceber o impacto que poderão ter tido as palavras de Egas Moniz e a resistência que eventualmente terão provocado. Aparentemente, nem um nem a outra terão existido de forma significativa. Fizemos a pequena experiência de percorrer todos os números de *A Medicina Contemporânea* entre 1915 e 1918 e não vimos que a questão voltasse a ser debatida. Nesses anos, as outras contribuições de Egas Moniz para a revista limitaram-se a problemas de ordem neurológica; são raros os artigos sobre assuntos psiquiátricos – e os que existem são, em grande parte, como é compreensível, dedicados ao estudo de traumatismos psíquicos provocados pela guerra –, e em nenhum deles é feita qualquer referência a Freud ou à psicanálise. Os médicos portugueses, no entanto, não ignoravam, nem os trabalhos de Charcot, nem a prática da hipnose. No n.º 34 de 1918, aparece um longo resumo de uma tese de doutoramento sobre a histeria, da autoria de Campos Marques, em que a autoridade máxima sobre o assunto é Joseph Babinski; Babinski fora assistente de Charcot na Salpêtrière e era provavelmente um conhecido de Freud. Aliás, como nos conta Ernest Jones na sua biografia de Freud (Jones, 1958-1969, I: 264), Babinski chegou a interessar-se pelas teses de Freud sobre a histeria. Mas nem Freud nem Breuer são mencionados na tese de Campos Marques. Ou seja: aparentemente pelo menos, as repercussões da Lição de Egas Moniz terão sido nulas.

2. A psicanálise no Prólogo à 7.ª edição de *A Vida Sexual*

No Prólogo à 7.ª edição de 1929 de *A Vida Sexual*, Egas Moniz expõe novamente as teses fundamentais da psicanálise de Freud, reproduzindo, por vezes textualmente, algumas afirmações da Lição de 1915. Não ficámos com a impressão de que entre 1915 e 1929 Egas Moniz tenha avançado substancialmente no seu conhecimento da literatura psicanalítica; não conseguimos notar que obras tão decisivas como *O Ego e o Id*, que é de 1923, ou *Inibições, Sintoma e Ansiedade*, de 1926, fossem do conhecimento do médico português,

mas talvez uma leitura mais fina do que a nossa o conseguisse fazer. A psicanálise – afirma Egas Moniz no Prólogo de 1929 – visa a explicação das formas da actividade psíquica, quer normal, quer patológica, analisando as tendências afectivas que faz derivar do instinto sexual (Egas Moniz, 1929: XIX-XX). Freud – continua – considera que a vida sexual é composta por um sistema de forças elementares em antagonismo, pelo que as designações que utiliza para exprimir o seu pensamento são, muitas vezes, derivadas das forças físicas e mecânicas (Egas Moniz, 1929: XX).

Egas Moniz expõe também de uma forma interessante aquilo a que chama, numa expressão pouco feliz de Bleuler, o “pansexualismo” de Freud (Egas Moniz, 1929: XXVIII), mostrando – como já o fizera na Lição de 1915 – de que modo a noção de sexualidade foi consideravelmente alargada e modificada pelo fundador da psicanálise. Desta forma, conclui, muitas críticas dirigidas às suas teorias, quando não se ficam simplesmente a dever ao preconceito, reflectem a ignorância dos críticos relativamente àquele alargamento.

Desconhecemos até que ponto Egas Moniz poderia estar ao corrente das diversas polémicas que envolveram Freud e alguns dos seus discípulos com os representantes oficiais da neurologia e da psiquiatria (principalmente alemã) em torno da importância a atribuir à sexualidade na etiologia de diversas patologias mentais. Assim, por exemplo, em 1907, no Congresso de Psiquiatria e de Neurologia de Amesterdão, o neurologista Gustav Aschaffenburg, de acordo com o relato de Ernest Jones, declarava que proibia aos seus doentes toda a referência à vida sexual, assunto que considerava perigoso para o sucesso de qualquer tratamento (Jones, 1958-1969, II: 119). Na mesma ordem de ideias poderíamos mencionar o sexologista berlinense Albert Moll, que publica em 1908 uma obra intitulada *A Sexualidade das Crianças*, dirigida em grande parte contra Freud, mas em termos tais que levaram o fundador da psicanálise a escrever, numa carta a Karl Abraham, que certas páginas do livro poderiam justificar um processo judicial por difamação (Jones, 1958-1969, II: 121). Egas Moniz conhecia as obras de Moll, que chega a citar em *A Vida Sexual* como sendo uma autoridade sobre o assunto (cf., nomeadamente, Egas Moniz, 1929: 326). Um tipo muito semelhante de divergências relativamente ao papel da sexualidade acabará por estar na origem das controvérsias entre Freud e Jung, que terminaram na ruptura entre os dois nas vésperas da Primeira Grande Guerra. Egas Moniz, que menciona algumas

vezes Jung e a escola de Zurique, não faz menção a estas divergências, nem sabemos se teria sequer uma exacta noção do seu significado.

Contudo, foi a leitura de Freud que obrigou Egas Moniz, como ele próprio confessa no Prólogo à 7.^a edição de *A Vida Sexual*, a alterar algumas das suas primitivas ideias sobre a importância da sexualidade. Tal aconteceu, em primeiro lugar, no que diz respeito à tese da existência de uma actividade sexual anterior à fase da puberdade (Egas Moniz, 1929: XXX). Egas Moniz reconhece que a libido aparece com as primeiras manifestações da vida extra-uterina, localizando-se em diversas regiões da pele ou em mucosas mais sensíveis, antes de se localizar anatomicamente nas zonas genitais. Curiosamente, no capítulo de *A Vida Sexual* sobre as "Neuroses sexuais", onde seria de esperar alguma referência às teorias de Freud, não é Freud, mas sim Kraft-Ebbing a autoridade que Egas Moniz convoca normalmente em apoio das suas ideias. Aparentemente, Egas Moniz não terá considerado existirem motivos fortes para proceder a uma revisão do que afirmara nas edições anteriores da sua obra. É sabido que Kraft-Ebbing nunca simpatizou com as ideias de Freud. Ernest Jones, na sua já mencionada biografia de Freud (Jones, 1958-1969, I: 290), conta que, numa sessão da Sociedade de Psiquiatria e Neurologia de Viena, depois de uma conferência de Freud, Kraft-Ebbing, que presidia, fez o seguinte comentário: "Tudo isso se parece com um conto de fadas científico". Apesar disto, Egas Moniz afirma, cremos que sem razão, no ensaio sobre "A necrofilia de Camilo Castelo Branco", que a doutrina de Freud sobre a sexualidade se "firmou" nos trabalhos de Kraft-Ebbing (Egas Moniz, 1925: 45-61).

3. Psicanálise e criação literária.

Questões prévias de método

Como dissemos no início, Egas Moniz pretendeu aplicar alguns dos seus conhecimentos no âmbito da psicanálise ao estudo da vida e da obra do romancista portuense Júlio Dinis. Trata-se, a seguir ao seu breve estudo sobre Camilo, da segunda tentativa de aplicação desses conhecimentos à análise da obra e da personalidade de um escritor. O facto de Egas Moniz ser natural de uma região a que Júlio Dinis se encontrava ligado por laços afectivos

e familiares muito fortes terá, certamente, sido um dos motivos da escolha. E quando afirma que alguns lugares em que decorre a acção dos romances de Júlio Dinis, certos personagens, até mesmo algumas expressões coloquiais, trairiam uma afeição particular do autor pela região de Ovar, mesmo quando a intriga decorre, supostamente, no alto Minho, não será difícil adivinhar, por detrás das suas palavras, a afeição pela qual Egas Moniz se sentia, também, ligado àquela região. Não nos parece impossível admitir que a tentativa de compreender Júlio Dinis constituísse, para o seu biógrafo, a oportunidade para uma espécie de viagem sentimental a lugares onde vivera na infância e para recordar pessoas que conhecera e que tinham ainda conhecido o romancista, falecido poucos anos antes de Egas Moniz nascer¹.

No entanto, para que pudéssemos falar, a propósito de *Júlio Denis e a sua Obra*, de uma aplicação da psicanálise não bastaria que Egas Moniz tivesse querido procurar, num produto da actividade imaginativa, traços mais ou menos nítidos de acontecimentos de ordem biográfica. Tal nada tem, em si mesmo, de especificamente psicanalítico, sendo, além disso, uma tentativa que, quase invariavelmente, pode ser coroada por um sucesso fácil; nem a mais radical imaginação poderá libertar-se de uma relação com a matéria de que cada um de nós é feito e esta comporta todas as nossas experiências de ordem biográfica. Já os processos psíquicos inconscientes são de uma natureza diferente daqueles acontecimentos de ordem biográfica que alguém consegue evocar espontaneamente. Ora é deles que Egas Moniz pretendeu descobrir a marca na obra de Júlio Dinis². Recordemos que, num pequeno ensaio escrito em 1908, "A criação literária e o delírio", Freud considerava que a obra de arte tem a sua origem em qualquer desejo infantil insatisfeito, há muito esquecido, e despertado por um estímulo na idade adulta. (Jones, 1958-1969, III: 475)

Em traços gerais, poder-se-ia até dizer que Egas Moniz não procede de forma muito diferente, relativamente a Júlio Dinis, da de Freud relativamente

¹ Já houve quem aproximasse, nalguns casos, os efeitos da compreensão de uma obra de arte, dos efeitos que são normalmente de esperar da situação analítica, apesar da ausência, no primeiro caso, do processo normal de transferência. (Victor N. Smirnoff, 1970: 56)

² Sobre este assunto, cf. Dominique Fernandez (1970: 33-48).

a Shakespeare, por exemplo, analisando a figura de Hamlet na sua *Interpretação dos Sonhos*, uma obra que era do conhecimento do médico português. Mas há aqui uma dificuldade, expressamente reconhecida por Freud, aliás, na sua conhecida análise da *Gradiva* de Jensen, que tem a ver com o facto de a abordagem psicanalítica de uma obra literária frequentemente permitir reconhecer no seu autor uma capacidade de análise da actividade psíquica muito semelhante à da própria psicanálise, obtida por uma via que não é, contudo, a da ciência (Freud, 1981, *passim*)³. (Supondo obviamente, como é normalmente o caso, que o romancista não é ele próprio, também, um psicanalista.) No conhecido ensaio de Freud sobre Leonardo da Vinci temos uma outra formulação desta mesma ideia: Freud atribui ao romancista Dimitri Sergheievitch Marejkovski uma capacidade de compreensão da personalidade de Leonardo muito superior à da maioria dos estudiosos (Freud, 1980: 23). Não a conseguindo exprimir por meio de conceitos rigorosos, fê-lo - diz Freud - "à maneira dos poetas", ou seja, por imagens. Mas tanto quanto é do nosso conhecimento, em nenhum momento Freud se explicou satisfatoriamente sobre a natureza deste processo. Na sua *Autobiografia*, afirma que o artista, tal como o neurótico, se retirou de uma realidade insatisfatória para se refugiar no mundo da imaginação, mas que, ao contrário do neurótico, consegue transformar as produções narcísicas do delírio ou do devaneio em obras capazes de despertar o interesse de outras pessoas e de suscitar nelas a satisfação dos mesmos desejos inconscientes. Também o que Freud nos diz a propósito da obra de Jensen, que o tratamento poético de um tema psiquiátrico pode ser perfeitamente exacto sem nada perder da sua beleza, se parece mais com o enunciado do problema, do que com a sua verdadeira resolução.

Voltando a Egas Moniz, diríamos que ele é extremamente cauteloso relativamente a dois aspectos da vida do romancista biografado: a sua vida sexual e as suas relações com o pai. Podemos admitir alguma dificuldade em obter informações exactas sobre a primeira, embora outros biógrafos tenham sido mais ousados neste domínio; mas já relativamente às relações com o pai, da qual Egas Moniz parece possuir documentação em quantidade

³ Sobre este assunto, cf. Jean-Louis Baudry (1968: 134).

apreciável, elas mereciam, em nossa opinião, um outro tipo de abordagem. Ficamos, por exemplo, a saber que a comunicação entre pai e filho sobre algum assunto grave ou delicado se fazia por escrito (Egas Moniz, 1925, I: 125), procedimento que é, aliás, reproduzido pelo autor, na obra de ficção, em *Uma Família Inglesa*. Para caracterizar as relações de Júlio Dinis com o seu pai, Egas Moniz cita, desta obra, a passagem seguinte (Egas Moniz, 1925, II: 53): “Carlos respeitava o pai, amava-o até com extremos capazes de lhe inspirarem os maiores sacrifícios, e contudo evitava-o, como se, junto dele, se não achasse à vontade.” Sobre tudo isto seria interessante saber um pouco mais.

Aliás, é nesta obra, começada a escrever quando o autor tinha apenas 19 anos, que Egas Moniz encontra maiores semelhanças entre o carácter do personagem masculino principal (o Carlos da citação de há pouco) e o próprio Júlio Dinis: o mesmo gosto pelos bailes de máscaras, alguma leviandade, uma certa inconstância amorosa, etc. Mas estas duas últimas características encontrar-se-ão, igualmente, no jovem médico Daniel, n’ *As Pupilas do Senhor Reitor*, e em Henrique de Souzaelas, n’ *A Morgadinha dos Canaviais*. Como se também aqui se confirmassem estas palavras de Freud: “um artista casto não é facilmente concebível, ao passo que um jovem cientista casto não é uma coisa rara.” (Jones, 1958-1969, III: 475) É também provável que Egas Moniz tenha alguma razão quando sugere que em muitos dos personagens masculinos dos seus romances Júlio Dinis, que morrerá aos 31 anos vitimado pela tuberculose e era vítima de acessos de melancolia, nos oferece uma imagem idealizada de si mesmo, tanto do ponto de vista físico como do ponto de vista moral.

4. Aplicação da psicanálise à vida e à obra de Júlio Dinis

Em todo o caso, pelo menos à primeira vista, nem a vida, nem a obra, de Júlio Dinis se parecem prestar a uma análise psicanalítica particularmente entusiasmante. Nos seus livros, ao contrário do que acontece em obras como *Rei Édipo*, *Hamlet* ou *Os Irmãos Karamazov*, não encontramos nenhum dos grandes temas que mais interessaram a Freud e à psicanálise: ou seja, o parricídio e a rivalidade sexual. Os sonhos e os devaneios que aparecem, por vezes, nos seus romances, não chegam a ter o interesse do delírio de Norbert

Hanold, na *Gradiva* de Jensen. Na vida de Júlio Dinis também nada parece ter havido que pudesse motivar idêntico interesse: nenhum sentimento de culpa semelhante ao que Freud detectou em Dostoiévski, nada de parecido com os traços sado-masoquistas do carácter do escritor russo, que marcaram decisivamente a sua sexualidade, as suas ideias políticas e a relação com as autoridades, ou as suas crenças religiosas (Freud, 2006a: 192-193). Para se poder compreender a si mesmo, Júlio Dinis não precisou de criar personagens com a densidade psicológica de um Raskolnikov ou de um Dimitri Karamazov. Nada impede, porém, que uma interpretação de natureza psicanalítica se possa exercer sobre a obra de Júlio Dinis. Freud, quase no início do ensaio sobre Leonardo da Vinci, afirmava que existem leis que regem com o mesmo rigor, a vida psíquica de um doente e de um indivíduo normal (Freud, 1980: 11). Um pouco mais tarde, num ensaio publicado em 1925 intitulado "As resistências à psicanálise", notará que a psicanálise se pode aplicar, tanto no caso de uma neurose, como no da actividade psíquica dita normal: pois encontramos, nos dois casos - afirma -, os mesmos componentes de natureza sexual e, no caso da sua frustração, o mesmo processo de formação de satisfações substitutivas (Freud, 2006b: 243).

Em relação a todos estes problemas, que nos oferece *Júlio Dinis e a sua Obra?* O recurso a alguns contributos da psicanálise para a compreensão da personalidade do próprio Júlio Dinis, dos factos conhecidos da sua vida e, sobretudo, da génese dos personagens e da intriga dos seus romances; uma compreensão do modo como o autor se retrata em alguns personagens, e como outros personagens representam figuras da sua vida familiar ou, simplesmente, pessoas pelas quais sentiu um especial afecto. Há, assim, como que um duplo movimento, em que, por um lado, o conhecimento da personalidade do autor ilumina diversos aspectos da sua obra, mas em que, por outro, da constatação de certos traços permanentes ou recorrentes na obra podemos extrair um conhecimento da personalidade do autor. Egas Moniz dá importância, por exemplo, ao facto de Júlio Dinis ter ficado órfão de mãe desde muito cedo. Esta imagem materna terá perdurado na memória do escritor, que procurava em todas as mulheres, a que o ligaram laços afectivos fortes de uma qualquer natureza, traços da figura da mãe que cedo perdera. Mas esta procura tê-lo-á impedido, igualmente, na opinião de Egas Moniz, de se fixar numa

única mulher, a sua sentimentalidade – como afirma – não se estabilizou “em torno (...) de uma afeição séria e definitiva” (Egas Moniz, 1925, II: 7), o que, associando-se porventura à doença e à noção de que não teria uma vida longa, o terá impedido de se casar.

É óbvio que toda a afectividade que volteja na obra de Júlio Dinis teria, provavelmente, tomado uma outra direcção se o autor tivesse podido casar (Egas Moniz, 1925, II: 8). Mas aqui talvez haja alguma ingenuidade em Egas Moniz, que desequilibra a verdade psicológica da sua interpretação dos factos. Por outras palavras, talvez o neurologista português tenha, nesta circunstância, confundido a causa com o efeito. Uma outra explicação é perfeitamente plausível: pois, podemos admitir que foi aquela mesma afectividade voltejante – supondo, obviamente, e tal não nos parece impossível, que Júlio Dinis se retrata em alguns personagens masculinos dos seus romances – que o impediu de casar. Ela não resultou da ausência do casamento, supondo que outras razões, como a doença, que já referimos, o não tenham também impedido de o fazer.

Um aspecto curioso das análises de Egas Moniz da fase edipiana de Júlio Dinis é a quase completa ausência, nelas, de referências à figura do pai do escritor. Se as referências ao pai são várias em toda a obra – e já mencionámos algumas –, nenhuma dela se relaciona com o complexo de Édipo. No entanto, para Freud (Freud, 1976: 380), a relação com o pai, nesta fase, é fundamental, não apenas porque dela resultará uma ambivalência fundamental que marcará para sempre as relações entre pai e filho, como também porque a resolução do complexo exige uma reconciliação com o pai, ou uma libertação definitiva da pressão exercida por ele. Admitindo, uma vez mais, que o romance familiar do romancista se reflecte no romance familiar de alguns dos seus personagens, seríamos levados a concordar com aquela comparação que Egas Moniz estabelece entre as relações de Júlio Dinis com o seu pai e as relações de Carlos Whitestone, o herói de *Uma Família Inglesa*, com o seu (Egas Moniz, 1925, II: 52-53). Só que talvez se pudesse acrescentar que elas traduzem o modo como o romancista portuense resolveu o seu próprio complexo de Édipo, o que Egas Moniz não chega a fazer.

Entre as figuras dos familiares de Júlio Dinis, Egas Moniz dá especial importância, e com razão, à de sua prima e madrinha Rita Pinto Coelho.

Sendo catorze anos mais velha do que o romancista, nota Egas Moniz que não teria já idade para ser sua noiva, não tendo porém, ainda, idade suficiente para que Júlio Dinis nela pudesse ver a mãe que perdera em criança. Talvez a idade não desempenhe, neste contexto (como noutros contextos, aliás) um papel tão decisivo quanto Egas Moniz lhe atribui. Para compreender a natureza dos sentimentos que ligavam Júlio Dinis à sua prima e madrinha talvez se possa interpretar literalmente o que lhe diz numa carta, numa passagem muito curiosa e que merece ser citada:

A ordem das cartas, o método ao escrever a pessoas de amizade, fazem-me lembrar as ruas direitas e os círculos e elipses bem traçados e com um rigor geométrico irrepreensível de um jardim de cidade, regular, mas fastidioso; esta confusão e desordem, este sucessivo afastar e aproximar de um mesmo assunto, parece-se com a tortuosidade e curvatura das ruas e avenidas de um parque inglês, irregulares, mas deliciosas. (Egas Moniz, I: 137)

Egas Moniz faz a esta passagem um comentário de que ele próprio pede desculpa aos leitores do carácter talvez excessivamente psicanalítico, mas que nos atreveríamos a interpretar num sentido diferente do que ele propõe. A sua tese é que, estando à época Júlio Dinis a escrever o romance *Uma Família Inglesa*, projectava nas relações entre Carlos Whitestone e sua irmã Jenny as relações fraternais que o ligariam à sua prima Rita; a referência aos jardins ingleses ter-lhe-ia vindo, assim, de uma associação de ideias com o romance que estava escrevendo. Ora, quer-nos parecer que a verdade psicológica daquela referência é de outra ordem e que uma outra explicação seria possível. (Esperamos que nos perdoem o atrevimento de corrigir Egas Moniz.) O que o romancista diz a sua prima é, justamente, que não lhe pode dizer a verdadeira natureza do seu afecto - o que seria o equivalente às ruas direitas de uma cidade - e que as delicias das ruas tortuosas dos parques ingleses são o equivalente às que ele próprio pode sentir não lhe dizendo aquilo que, de certa forma, na realidade diz. Seja qual for contudo, destas duas - a de Egas Moniz e a nossa -, a interpretação correcta, elas parecem confirmar o que Freud, em tempos, comentando um artigo de Max Graf, afirmou: que o estudo

analítico das obras de certos escritores – e nós acrescentaríamos: o da sua correspondência – poderia contribuir eficazmente para as investigações de carácter biográfico; mas que, ao invés, é pouco provável que possamos obter grande compreensão das obras por meio da simples descrição dos traços psicológicos dos autores (Jones, 1958-1969, II: 364).

Curiosamente, todo o capítulo intitulado “Júlio Denis e a psicanálise” (Egas Moniz, 1925, I: 357-374) é talvez o que menos convence na obra que Egas Moniz dedica ao romancista portuense. Na realidade, o que da sua leitura concluímos é apenas que Júlio Dinis possuía notáveis dons de observação psicológica – em primeiro lugar de si próprio – e que dá disso provas evidentes na construção daqueles personagens dos seus romances em que mais se auto-retratou. Foi o caso, por exemplo, de Carlos Whitestone em *Uma Família Inglesa*. A interpretação de um sonho de Carlos, a que Júlio Dinis se entrega – e, por seu intermédio, o próprio Egas Moniz –, e não esqueçamos que estamos diante de um personagem de ficção, que sonha aquilo que o autor o fez sonhar a partir de material (chamemos-lhe diurno) que faz parte da própria trama do romance, tal interpretação, dizíamos, é reveladora das capacidades de análise do autor. Mas também que Júlio Dinis possa ter feito Carlos sonhar precisamente *isso* que sonhou (e não outra coisa) nos parece extremamente revelador dos sentimentos do próprio Júlio Dinis. Trata-se de um sonho de Carlos sobre as dificuldades de casamento com uma jovem de religião diferente da sua – e também sobre as esperanças em ver essa possibilidade realizada –, de onde não seria possível adiantar alguma conclusão sobre o facto de Júlio Dinis ter permanecido solteiro.

No fundo, o que Júlio Dinis faz com os sonhos dos seus personagens não é muito diferente do que Jensen, na sua *Gradiva*, fez com o delírio de Norbert Hanold, e cuja legitimidade Freud reconheceu. No estudo da vida psíquica, diz Freud, o artista precedeu sempre o homem de ciência, de modo que este, se quiser analisar o significado de uma obra, pode utilizar os personagens de um romance como se fossem figuras reais e procurar interpretar os sonhos delas a partir da vida romanesca, como se esta fosse a vida real. Que uma obra de fantasia possa merecer também o título de “estudo psiquiátrico” é o que Freud parece conceder (Freud, 1981: 172); em certos aspectos, como, por exemplo, quando descobre que certos processos psíquicos, apesar da sua força

e intensidade, permanecem inconscientes, o romancista é superior ao filósofo, que, desconhecendo os processos psíquicos apropriados, recusa a própria ideia de um psiquismo inconsciente⁴. Que este conhecimento do artista possa ser transformado em obra de arte, constitui, diz Freud em 1908, no artigo citado no início deste ensaio, o seu "segredo mais pessoal". Mas o talento criador teima em furta-se a todas as explicações de ordem psicológica. (Jones, 1958-1969; II: 232) Assim, a pergunta de Freud na sua análise da *Gradiva*: como é que o romancista chegou ao mesmo saber que o médico, ou, como é que conseguiu fazer, ao escrever um romance, como se soubesse a mesma coisa que ele, talvez permaneça para sempre sem resposta (Freud, 1981: 190).

Bibliografia

Baudry, Jean-Louis (1968) "Freud et la création littéraire", in AA / VV, *Théorie d'Ensemble*, (Paris: Ed. du Seuil) (col. Points), 131-157.

Fernandez, Dominique (1970) "Introduction à la psychobiographie", in *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, 1, 33-48.

Freud, Sigmund (1976) *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, trad. ingl., *Introductory Lectures on Psychoanalysis*, (Harmondsworth: Penguin Books) (The Freud Pelican Library), vol. I.

____ (1980) *Ein Kindheitserinnerung des Leonardo da Vinci*, trad. franc., *Un Souvenir d'Enfance de Léonard de Vinci* (Paris: Gallimard).

____ (1981) *Der Wahn und die Träume in W. Jensens "Gradiva"*, trad. franc., *Délire et Rêves dans la Gradiva de Jensen*, (Paris: Gallimard) (col. Idées).

____ (2006 a) "Dostoievski und die Vätertötung", trad. bras. "Dostoievski e o parricídio", in *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Volume XXI (Rio de Janeiro: Imago Editora), 183-198.

____ (2006 b) "Die Widerstände gegen die Psychoanalyse", trad. bras., "As resistências à psicanálise", in *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. XIX (Rio de Janeiro: Imago Editora), 235-250.

⁴ Não é este o local apropriado para proceder a uma análise pormenorizada das relações de Freud com a filosofia. Notemos apenas que, tendo sido um episódico ouvinte dos cursos de Franz Brentano na Universidade de Viena, Freud contestava a identificação, feita por Brentano, entre o psíquico e o consciente, considerando que a insistência dos filósofos em proceder a tal identificação se ficava a dever à ignorância do material psíquico posto a descoberto pelo método psicanalítico. Já quanto ao facto de o inconsciente ser, na opinião de alguns filósofos e psicólogos, não de natureza psíquica, mas sim somática (ou restos somáticos de experiências psíquicas anteriores), a admissão de tal hipótese, para além da sua irrelevância, segundo Freud, do ponto de vista clínico, conduziria apenas a uma estéril disputa sobre palavras, sem qualquer interesse para a ciência.

Jones, Ernest (1958-1969) *The Life and Work of Sigmund Freud*, trad. franc., *La Vie et L'Oeuvre de Sigmund Freud* (Paris: Vrin), 3 vols.

Moniz, Egas (1915) "Lição do Curso de Neurologia", in *A Medicina Contemporânea* 33, 377-383. Agora in Pedro Luzes (org.) (1997) *Cem Anos de Psicanálise* (Lisboa: ISPA), 53-64.

____ (1929) *A Vida Sexual* (Lisboa: Casa Ventura Abrantes), 7.ª edição.

____ (1925) "A necrofilia de Camilo Castelo Branco", in E. A. e V. A. (org.), *In Memoriam de Camilo* (Lisboa: Casa Ventura Abrantes), 45-61.

____ (1925) *Júlio Denis e a sua Obra* (Lisboa: Casa Ventura Abrantes), 4.ª edição, 2 vols.

Smirnof, Victor N. (1970) "L'œuvre lue", in *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, 1, 49-57, p. 56.